

Narrativas Femininas: Uma Grafia de Violência

Graciane de Oliveira

178ª Defesa:

29 de julho de 2021

Membros da Banca Examinadora:

Profa. Dra. Raquel Alvarenga Sena Venera (Orientadora/UNIVILLE)

Profa. Dra. Vera Lucia Sommer (membro externo/UNIVALI),

Prof. Dr. Vinícius Armiliato (membro interno/UNIVILLE),

Profa. Dra. Taiza Mara Rauen Moraes (membro interno/UNIVILLE)

Profa. Dra. Luana de Carvalho Silva Gusso (membro interno/UNIVILLE)

RESUMO

Esta dissertação está vinculada ao Grupo de Pesquisa Subjetividades e (Auto)Biografias, do Programa de Pós-graduação em Patrimônio Cultural e Sociedade da Universidade da Região de Joinville - Univille. O título: “Narrativas Femininas: Uma Grafia da Violência”, visou dar visibilidade a voz às mulheres vítimas de violência em âmbito doméstico com o intuito de provocar ressignificações de memórias e, ao mesmo tempo, no gesto da escuta exercitar o desafio auto formativo da grafia sobre a violência doméstica. Garantir o exercício de se narrar e ser escutadas, proporcionar a quebra de silêncio, foi uma aposta de que o compartilhamento das experiências humanas ressignificadas como patrimônios comuns da humanidade. A pesquisa teve como objetivo geral analisar o papel da reflexividade sobre as memórias na construção das subjetividades femininas em narrativas de mulheres vulneráveis por violência doméstica. Diante dos desafios de compreender a complexa trama entre narrativas e memórias buscou-se nesse sentido definir um entendimento acerca das narrativas e destacar o papel da reflexividade no processo de narrar e escutar em ambiente de partilha. Para entendimento da narrativa foram acionados conceitos de Delory-Momberger (2014); Josso (2010) estendendo a categoria memória em Bosi (2003) e Halbwachs (2004), para questões de gênero Butler (2017) e Rago (1998) e para subjetividade Foucault (2006). A metodologia utilizada foi a pesquisa-formação organizada em seis momentos para propor um lugar compartilhado, denominado Ateliê Biográfico, para abordar a violência e promover ressignificação de memórias. O estudo evidenciou que a cultura machista é o grande disparador das violências domésticas narradas e que acabam por limitar as relações de poder entre o masculino e o feminino. Observou-se que a reflexividade possibilitou ressignificações que anteriormente não haviam sido pensadas pelas mulheres em questão e disparou desejos de outras partilhas evidenciando as narrativas como ferramenta potente para novos pactos civilizatórios e novas formas de existências e subjetividades.

Palavras Chaves: Patrimônio em Comum da Humanidade, Narrativas, Reflexividade.